

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER IDOSA COMO CONTADORA DE HISTÓRIA E EDUCADORA EM *HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA*

SOUZA, Rinaldo Pereira (Seduc-MT)¹

Resumo:

O artigo objetiva-se a delinear o ser da mulher idosa na narrativa lobatiana, *Histórias de Tia Nastácia*. As personagens idosas, Dona Benta e Tia Nastácia, ao exercerem a função de contadora de história, figuram como modelo mimético de representação clássica, uma vez que simbolizam a imagem ideal de senhoras idosas. A mimese horaciana (1995), aura e narrador de Benjamim (2011), personagem infanto-juvenil, de Khede (1986), obra lobatiana de Sandroni (1987), destacam como fontes teóricas deste trabalho.

Palavra-chaves: Personagem feminina, mimese clássica, literatura infanto-juvenil, contação de história, Monteiro Lobato.

Considerações iniciais

A designação de “velha” ou “idosa”, na tradição clássica, especificamente no conto de fadas, indica a inferiorização da figura da mulher, contrapondo ao ideal de beleza atribuído à juventude. Beleza e velhice tornam-se inconciliáveis. E a arte clássica entende a figura do velho como estado de decadência, fora do ideal de representação.

Entretanto, na narrativa lobatiana designa visão diferenciada às velhas na série *Sítio do Picapau Amarelo*. Dona Benta e Tia Nastácia, ao exercerem a função de contadora de história, figuram como modelo mimético de representação clássica, uma vez que simbolizam a imagem ideal de senhoras idosas.

No ponto de vista clássico, a arte é imitação da natureza, mas não se resume a um simples retrato, antes busca uma natureza ideal e universal. A manifestação artística deveria representar a busca do ideal. Tanto é que na representação da personagem há o predomínio de formas idealizadas da figura humana na composição do herói.

A imagem de Dona Benta como avó dedicada as netos, mulher culta, capaz de ensinar as crianças geografia, ciências naturais, folclore de outros povos representa idealização da personagem e impõe a narrativa um caráter pedagógico-moralista. Assim, não se pode negar a relação íntima entre a literatura infanto-juvenil e as preocupações pedagógico-moralizantes objetivando sedimentar os valores utilitaristas a partir da infância.

¹ Professor efetivo de Língua Portuguesa, Seduc/MT, Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-Goiás. Cáceres/Brasil; prof.naldin@hotmail.com.

A configuração das personagens idosas nas narrativas lobatianas são descrições de seres ideais, perfeitos, belos; próprios daquilo que a arte clássica preconiza. No dizer de Benedito Nunes sobre a arte clássica, “As artes devem representar o que é belo, tanto no sentido estético quanto no moral – os belos corpos e as belas ações –“ (NUNES, 1999, p. 11).

As narrativas clássicas com essas personagens perfeitas, que representam o bem, o homem ideal, com atitudes nobres para a descrição do herói, estimula o leitor a ter semelhantes ações, pois convencem ao mostrar que pelas boas ações e atributos dignos do herói foi vencedor, conseqüentemente, o leitor também o será.

1. A imagem da idosa na tradição como contadora de histórias

Marina Warner em *Da Fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores* (1999) cita que a contação de contos de fadas de uma geração para outra é prática predominantemente de mulheres mais velhas e de classe inferior transmitindo o material para os mais jovens.

Mas, diante do discurso hegemônico masculino, a fala da mulher torna-se desacreditada, sem credibilidade, semelhante ao mito de Cassandra², que mesmo possuindo o dom da profecia, do conhecimento do futuro, tem como castigo a falta de credibilidade em sua fala.

A tradição literária mostra algumas imagens, apesar de cômicas, às vezes, com teor pejorativo, mas representativas de mulheres contadoras de histórias. É o caso da Mamãe Gansa e Dona Carochinha.

Apesar de sabedores da presença da atuação da mulher como transmissora do folclore pela contação de histórias, o que se nota é a descrença, e a falta de credibilidade a voz da mulher, por isso as imagens pejorativas da Mamãe Gansa e da Dona Carochinha.

² Cassandra e seu irmão Heleno, quando crianças ao dormirem, duas serpentes passaram a língua em seus ouvidos, daí tornaram tão sensíveis que podiam escutar as vozes dos deuses. Ao crescer, Cassandra tornou-se uma jovem de magnífica beleza, fiel servidora de Apolo. Tanto se dedicava, que Apolo se apaixonou por ela e lhe ensinou os segredos da profecia. Assim, Cassandra tornou-se uma profetisa. Porém, quando repudiou o amor de Apolo ele cuspiu em sua boca e retirou o dom da persuasão. Cassandra era desacreditada por todos, mesmo suas profecias sendo verdadeiras. <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/01/cassandra-e-helena-os-filhos-de-priamo.html> - acesso em 14-09-2012.

Monteiro Lobato em *Histórias de Tia Nastácia*, apresenta uma visão diferente das personagens idosas por serem contadoras de histórias da tradição, que reverenciam a tradição, à memória, a prática educativa, dessa forma são ouvidas e vistas como a presentificação do bem, do sagrado e do Belo. Elas carregam em si a fórmula do “narrador” teorizado por Walter Benjamin, ao sabem cativar, encantar e ensinar por meio das narrativas.

Dessa forma, o trabalho estético lobatiano contribui para a caracterização positiva da mulher idosa, ao colocá-la na função de narradora, que apresenta função moral e intelectual, pois detém o conhecimento e poder.

2. A representação da “idosa” como contadora de histórias em *Histórias de Tia Nastácia*

A obra *Histórias de Tia Nastácia* trata-se de narrativas folclóricas contadas pelas velhas do sítio, a cozinheira, Nastácia e pela avó, Dona Benta. A primeira conta trinta e seis histórias de origem europeia, negra e indígena componentes do berço cultural brasileiro, e a segunda, sete histórias do folclore de terras longínquas, como Rússia, Cáucaso, Pérsia, etc. no intuito de ofertar às crianças, também, a cultura de outras nações.

O livro de que trata este trabalho apresenta a ideia proposta por Benjamin dos grupos arcaicos, que compõe a figura do narrador, do camponês sedentário, artesão, e do marinheiro comerciante, viajante. Tia Nastácia, o camponês sedentário, pois pratica o trabalho rotineiro na cozinha, sempre no mesmo local, por isso conta histórias que representam a “cor local” e Dona Benta, do marinheiro e viajante, conhecedora do mundo, leitora assídua, domina várias áreas do saber, assim conta narrativas de terras distantes.

Apesar de o enfoque principal ser as narrativas da velha negra, uma vez que Tia Nastácia intitula a obra, Dona Benta se destaca por ouvir as lendas contadas por Nastácia, assessorar a companheira e responder os questionamentos das crianças acerca dos absurdos, das incongruências e *nonsense* de alguns textos e participa também da contação quando Nastácia precisa preparar o jantar e as crianças ainda querem ouvir mais histórias.

A iniciativa para o serão de contação de histórias parte de Pedrinho que se interessara pelo folclore brasileiro. Então, Tia Nastácia, representante nata do povo brasileiro, se retira de seu espaço costureiro, a cozinha, e assume a função de Dona Benta, no centro da sala para narrar as histórias conforme as ouviu de sua mãe Tiaga: “ – Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da princesa ladrona, que eu passo para diante do jeito que recebi” (LOBATO, 2009, p. 27).

Nastácia relata às crianças, por meio da memória, elemento essencial para conservação e reprodução da narração, as experiências de contação de histórias, que teve ouvindo sua mãe, pois de acordo com Benjamim, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorre todos os narradores” (2011, p. 198).

A cultura popular brasileira e a identidade de seu narrador, apresentado no título, Tia Nastácia, ocupam papéis fundamentais na narrativa, haja vista que um justifica o outro. Como exemplifica a fala de Pedrinho “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber” (LOBATO, 2009, p. 12). A narradora por ser do povo, representa-o.

A velha cozinheira Nastácia e a velha avó Dona Benta não se assemelham enquanto contadoras de histórias. Esta detém o poder do conhecimento do mundo letrado, enquanto que aquela o conhecimento do mundo oral. Preserva-se assim, a hierarquia branco/negro, erudito/popular, letrado/oralidade.

Nastácia, ao assumir o posto de narradora, conta como ouviu, seguindo a esquematização da tradição oral, em que a história se explica por si só, não havendo necessidade de procurar um entendimento aprofundado, e diz para Emília “- Mas isto não é para entender Emília” (ibidem, 2009, p.27).

Dona Benta usa o conhecimento sobre as raízes culturais para justificar o porquê a história foi narrada de tal forma. Como em certo momento do serão explica o motivo de tantos contos sobre reis e rainhas, “Essas histórias, minha filha, vieram de Portugal, e são de um tempo em que todos os países do mundo só havia reis” (ibidem, 2009, p. 27).

As narradoras, Tia Nastácia e Dona Benta, possuem atitude democrática, pois permitem opiniões, comentários diversos, a favor ou contra, possibilitando a aprendizagem dos ouvintes para a prática desta atividade. O contar de história é um exercício monológico, mas, de acordo com Khéde

O projeto estético lobatiano trabalha a pluralidade de vozes dos personagens num clima de ludismo e alegorização, e o projeto ideológico que, em tensão com o primeiro, se fará presente no método ora dialético, ora socrático de exposição das idéias em defesa da pluralidade liberal. (KHÉDE, 1986, p.52)

Sempre ao término de um “causo”, os participantes opinam a respeito da narrativa, em nenhum momento as contadoras bloqueiam os comentários realizados pelos ouvintes.

Laura Sandroni (1987), em *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*, define a velha negra Nastácia como “a ponte de ligação entre o mundo racional representado por Dona Benta, e as superstições e as crendices próprias das populações analfabetas” (SANDRONI, 1987, p. 15). Uma vez que a velha negra é amante das superstições e crendices, e dá voz a essas riquezas folclóricas.

A representação de Tia Nastácia oscila entre o pejorativo e o admirável. Pejorativo por pertencer o espaço do inferior, do negro, do subjugado, e do admirável por agradar as pessoas do sítio com o seu trabalho conquista todos pelo prazer da gustação.

Pedrinho vê na velha o potencial de sabedoria e conhecimento que eles podem obter ao ouvi-la

As negras velhas – disse Pedrinho – são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se Tia Nastácia não é uma segunda Tia Esméria? (LOBATO, 2009, 12)

Como todas as negras velhas, Nastácia também possui a habilidade, a facilidade para repassar as histórias folclóricas, a prática da tradição oral. Recupera pela memória os fatos vividos e adquiridos durante a vida e desempenha a característica principal da mimese horaciana, a conciliação do caráter pedagógico com o lúdico, une o útil ao agradável ao ensinar os ouvintes sobre a mentalidade do povo brasileiro por meio das narrativas dos povos que formam a etnia brasileira: europeia, negra e indígena.

Tia Nastácia ministra, com os contos folclóricos, aula de cultura brasileira. Ao executar esta atividade educativa, a velha Nastácia apresenta característica própria do ideal clássico, sagrada, bela, utilitária, servindo de modelo aos velhos, crianças e leitores em geral.

O aspecto pedagógico marca toda a narrativa em análise. Tatiana Belinki, especialista lobatiana, ao descrever a relação entre as personagens adultas e crianças lobatianas, cita que “Nastácia tem uma ascendência sem mandonismo, proveniente da afeição mútua e aceita com naturalidade” (BELINKI apud COELHO, 1985, p. 194). Até porque, na maioria das obras lobatianas não apresenta hierarquia entre adulto e criança. E Sonia Salomão Khéde destaca a figura da criada quituteira, como

Símbolo do desejo de incorporação pacífica do negro na sociedade branca, por isso é a “preta de alma branca”. Ela preenche o desejo das

elites dominantes: ter uma preta de alma branca em casa a cantar canções de ninar. (KHÉDE, 1986, p. 88)

Sem adentrar no mérito em questão, percebe-se uma forma de driblar os conflitos de classe e peculiaridades étnicas, uma vez que o ranço da escravidão ainda era latente no tempo da criação da obra.

A figura do narrador encarnado pela velha criada representa a imagem positiva do ser feminino idoso, de nível sacerdotal, de modo messiânico, virtuoso, como informa Benjamim, “O narrador é a figura em que o homem virtuoso encontra a si mesmo” (BENJAMIM, 2011, p. 221).

A velha contadora é a figura através da qual se pode encontrar seu valor de modo intensificado, pois ao contar histórias torna-se venerada pelos seus ouvintes, é admirada pelo prazer que espalha por meio das histórias que conta.

Na série do *Picapau Amarelo*, em várias de suas obras, a personagem Dona Benta exerce a função de contadora de história, com essa atitude ensina e educa as crianças do sítio.

Ocupa uma posição de destaque em toda a série por apresentar uma pessoa adulta com autoridade livremente aceita, com amor e respeito, sem qualquer receio ou tensão por parte das crianças. Representa o perfil da idosa ideal, a avó que cuida e educa os netos. É uma mulher acima dos desejos e sedução, por isso é caracterizada como uma velha, com óculos, coques, sempre disposta para o conselho, que conta histórias, como forma de repassar experiências de vida, ensinar e educar a criançada do sítio.

A personagem manifesta em si a figura do narrador viajante, do vendedor ambulante que percorreu terras distantes, agora se encontra em sua terra repassando as experiências vivenciadas na juventude. Por meio da memória resgata as tradições orais e a cultura clássica. A velha Dona Benta, desta forma, demonstra a imagem de uma mulher de conhecimento elevado, de leitora assídua, haja vista que em sua casa há uma biblioteca.

A educadora executa sua atividade com competência e perfeição, por isso é admirada. A velha avó Dona Benta representa a figura ideal da mulher idosa ao contar história e ensinar as crianças. Sua postura simboliza o ideal, o belo, a perfeição, o lado sagrado, santificado próprio da Virgem Maria, imagem imaculada, sem defeito. É a mimese ideal da mulher velha, pois serve de exemplo para os leitores.

Considerações finais

A personagem idosa nas histórias infanto-juvenis, de Monteiro Lobato é caracterizada de modo idealizada, fixa, personalidade definida, seguindo a estrutura da narrativa clássica, em que privilegia a mimetização da realidade, e o texto possui um caráter pedagógico-moralista.

As velhas senhoras Tia Nastácia e Dona Benta, por desempenharem as funções de contadoras de história e educadora, funções essas consideradas de utilidade, são descritas de forma positiva, bela, sagrada e reverenciada. Há um culto aurático a figura das personagens, pois servem de modelo aos leitores.

Tia Nastácia, como contadora de histórias representa a idealização da mulher idosa, disposta a só oferecer, em nenhum momento se revolta ou expõe seus sentimentos, mesmo nos momentos em que a desagrada com ofensas. Omite-se eventuais desilusões, conflitos, posicionamentos pessoais, características básicas e essenciais do ser humano.

Dona Benta é a imagem da avó perfeita, da idosa sem desejos e sedução, que vive em função dos netos, educando, cuidando, dando carinho e transmitindo conhecimento.

Nessa idealização romântica da mulher idosa mostradas nas personagens lobatianas, nega e omite os sentimentos, desejos e conflitos interiores inerentes ao ser humano. Principalmente, as limitações próprias da idade como saúde fragilizada, solidão, perdas ao longo da vida, relacionamentos encurtados pela não produção de trabalho

Assim o estado de velhice das senhoras em análise não representa, nesta perspectiva de contação de história e de resgate da tradição oral, estado de decadência e sim de sabedoria, de experiência, de conhecimentos adquiridos que podem ser repassados como forma de ensinamento para os mais novos.

Referências

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

DUARTE, Lia Cupertino. *Serões: verdades científicas ou comichões lobatianas?* In: Ceccantini, João Luís. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: UNESP, 2008.

HORÁCIO. *Arte poética*. In ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 1995.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. Ilustrações Cláudio Martins. São Paulo: Globo, 2009.

_____. *Serões de Dona Benta*. Ilustrações Manoel Victor. 22ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Raquel Afonso. *Histórias de Tia Nastácia: serões sobre o folclore brasileiro*. In: Ceccantini, João Luís. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: UNESP, 2008.

WARNER, Marina. *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. Tradução Thelma Mé dici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.